

Comunidade Ribeirinha Santo Ezequiel Moreno: inovações sociais em torno do açaí relacionadas à organização

Ribeirinha Community Santo Ezequiel Moreno Community: social innovations around açai berry related to the organization

Lucivando Barbosa de Moraes¹
William Santos de Assis²
Tatiana Deane de Abreu Sá³

Resumo

A pesquisa aborda inovações sociais relacionadas ao agroextrativismo do açaí na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno (SEM), município de Portel, arquipélago do Marajó, estado do Pará. O objetivo desta pesquisa foi identificar e analisar as principais inovações sociais relacionadas ao agroextrativismo do açaí e que apresentam influência direta da organização deste território. O método utilizado foi o de estudo de caso e a pesquisa realizada entre setembro de 2018 e julho de 2020, os dados foram coletados com a participação dos ribeirinhos seguindo etapas da pesquisa, sendo aplicadas análises qualitativas e quantitativas descritas em forma de sistematização. Foram identificadas duas inovações sociais na comunidade SEM conforme Bignetti (2011) e debates que consideram organização como objeto e processo social, que estão interligadas através de ajuda mútua dos comunitários facilitadas pela autogestão de todas elas, além disso, apresentam o Fundo Solidário Açaí (FSA) como inovação social base em função do processo de construção que despertou maior organização e cooperação entre os comunitários. O Manejaí é uma inovação social que revela resultados da organização comunitária presente na comunidade Santo Ezequiel Moreno que transpassam o território e aplicam com êxito a ideia de territorialidade.

Palavras-chave: Ação Coletiva. Autogestão. Ribeirinhos.

Abstract

The research addresses social innovations related to açai agroextractivism in the Santo Ezequiel Moreno (SEM) riverside community, Portel municipality, Marajó archipelago, state of Pará. The objective of this study was to identify and analyze the main social innovations, resulting from the agroextractivism of açai and which have a direct influence on the organization of this territory. The method used was the case study and the data were collected with the participation of riverside dwellers following stages of the research, applying qualitative and quantitative analyzes described in the form of systematization. Two social innovations were identified in the SEM community according to the outline proposed in the research, which are interconnected through the mutual help of the community facilitated by the self-management of all of them, in addition, they present the Fundo Solidário Açai (FSA) as a social innovation based on the process construction that aroused greater organization and cooperation among community members. Manejaí is a social innovation that reveals results of the community organization present in the Santo Ezequiel Moreno community that cross the territory and successfully apply the idea of territoriality.

Keywords: Collective action. Self-management. Riverside Community.

Manuscript first received/Recebido em: 19/03/2021

Manuscript accepted/Aprovado em: 29/11/2021

¹ Mestre em Agricultras Amazônicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, Pará, Brasil. E-mail: lucivando-barbosa@gmail.com.

²Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) no Programa de Pós-Graduação em Agricultras Amazônicas. Belém, Pará, Brasil. E-mail. williamassis@ufpa.br.

³ Doutorado em Fisiologia Vegetal. Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental. Belém, Pará, Brasil. E-mail: tatiana.sa@embrapa.br.

1 INTRODUÇÃO

O município de Portel compõe a antiga Mesorregião Marajó, reclassificada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) como Região Geográfica Intermediária de Breves, subdividida em duas Regiões Geográficas Imediatas: Região Geográfica Imediata de Breves (Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Chaves, Curalinho, Gurupá, Melgaço, Portel e São Sebastião da Boa Vista) e Região Geográfica Imediata de Soure-Salvaterra (Cachoeira do Arari, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari e Soure). A atual região intermediária continua com os mesmos 16 municípios da classificação anterior, ocupando uma área de 104.139, 29 km² (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2017).

A grande maioria dos municípios da Região Geográfica Imediata de Breves possui Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) próximos a 0,4 e o município de Melgaço é detentor do menor IDHM de toda a Região Geográfica Intermediária (0,418). Portel apresenta IDHM igual a 0,483, revelando graves dificuldades no desenvolvimento desse território (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010). Os principais segmentos produtivos da Região Geográfica Intermediária estudada são: pesca, madeira, construção civil, pecuária bubalina e fruticultura, segundo a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará (FAPESPA) (Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará [FAPESPA], 2016). O município de Portel tem uma histórica relação com o mercado madeireiro, entretanto, as comunidades ribeirinhas pouco acessam esse capital que esteve e ainda está sendo utilizado por grandes empresários e os próprios madeireiros.

Os ribeirinhos do município têm como principal fonte de renda o extrativismo do açaí (*Euterpe oleraceae* Mart.), que, para eles, trata-se do *Ouro negro*. Assim, o açaí tem representado para o povo ribeirinho de Portel oportunidades que vão além da alimentação tradicional, possibilitando agregar valores culturais e escapes para a desigualdade social e escassez de políticas públicas.

A importância simbólica do açaí e o reconhecimento da sociedade têm contribuído para o aparecimento não apenas de inovações tecnológicas, mas também de inovações sociais mais adequadas para um desenvolvimento multidimensional. Diferente da linearidade econômica do conceito hegemônico de inovação, Bignetti (2011) incorpora na sua definição não apenas a resolução de problemas que as inovações trazem, mas a coesão entre variados atores que constroem processos de inovação tendo como base a participação e cooperação desses atores, aspectos que são melhores compreendidos em bases teóricas de organização. Assim, a organização pode ser entendida como a base das inovações que Bignetti denomina inovações sociais conceituando-a como o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral (Bignetti, 2011).

Ribeirinhos reconhecem que o açaí influencia de forma positiva nas suas vidas não apenas no contexto econômico e a partir disso é contemplada a possibilidade de

geração das inovações sociais. A presente pesquisa aborda o papel do açaí na dinâmica da comunidade ribeirinha buscando entender essas contribuições que muitas vezes são invisibilizadas em estudos.

Ponte (2013) estudou o açaí considerando múltiplas dimensões e respectivos papéis, para além do aspecto econômico/ecológico usando a ideia de “açaí rizoma”, baseado na abordagem deleuziana de que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.” (Deleuze & Guattari, 1995). Ele destaca que, no contexto Amazônico, o açaí é alimento que faz parte da construção da identidade regional, sendo muitas vezes a gênese de música, poesia, crônica, paisagismo, cor, edificações e instalações provisórias, medicina tradicional e muitos outros aspectos presentes e que ainda irão surgir (Ponte, 2013). O trabalho citado inspira a presente pesquisa a também ir além do que muitas análises impõem como padrão científico o qual desconsidera as peculiaridades da utilização e compreensão do açaí em contextos ribeirinhos da Amazônia.

Apesar das dificuldades evidenciadas nas histórias de vida de pescadores, extrativistas, agricultores familiares, entre outros, a Amazônia abriga experiências que têm características que convergem às encontradas em inovações sociais, tais como as seguintes: Banco Comunitário Pracuubense (Muaná/PA), Banco Comunitário Rio Canaticu (Curalinho/PA), Manejo Comunitário do Camarão (Gurupá/PA), Manejo Florestal Comunitário – RESEX Verde Para Sempre (Porto de Moz/PA). Essas iniciativas enfrentam inúmeras dificuldades para o alcance de desenvolvimento endógeno por muitas vezes não serem alcançadas por um número maior de comunidades ribeirinhas principalmente em função da limitada organização social (Miranda, Potiguar, Moraes, Mendonça & Da Silva, 2017).

Nesse sentido, esta pesquisa apresenta como campo de estudo a comunidade⁴ Santo Ezequiel Moreno (SEM), município de Portel/PA. A comunidade é reconhecida por apresentar uma elevada produção de açaí e ganha destaque pela sua organização social, participação política e gestão de bens comuns. Por essas características, a comunidade é vista como exemplo de desenvolvimento em seu município por técnicos da área ambiental, extensão rural instituições de ensino/pesquisa e população local (Miranda et al., 2017). A produção de açaí é tão importante na comunidade que foi criado o Fundo Solidário Açaí, Fundo florestal comunitário constituído num longo processo de organização social que culminou com sua criação na safra de açaí de 2010. Na sua criação, a ideia central utilizada foi: a cada lata de açaí coletada e comercializada, o membro da comunidade doaria R\$ 1,00, formando um fundo que custearia investimentos em bens e serviços para a melhoria da qualidade social e ambiental da vida dos moradores da comunidade. Nos anos seguintes, esse valor tem oscilado de forma ascendente (média R\$ 2,00), tudo feito em consenso definido por moradores da comunidade SEM (Miranda et al., 2017).

⁴ A categoria “comunidade” foi amplamente utilizada pelo Movimento de Educação de Base (MEB) liderado pela igreja católica na década de 60 no Brasil e isso foi muito marcante nas várzeas da Amazônia, segundo Lopes (2008). Tal trabalho ainda existe no município de Portel e para a igreja essa categoria é dotada de critério populacional, sendo constituído um núcleo social no qual pessoas devem ter objetivos comuns. Na presente pesquisa, a comunidade é tida como uma unidade espacial física somada a sua população e dinâmica socioeconômica cultural. Assim, será usada a expressão “Comunidade” para melhor identificar o local de estudo.

Contudo, busco refletir sobre inovações sociais da comunidade SEM partindo dos seguintes objetivos: (1) Identificar as inovações sociais associadas ao agroextrativismo do açai na comunidade Santo Ezequiel Moreno; e (2) Entender as relações existentes entre as inovações sociais estudadas na comunidade.

2 METODOLOGIA

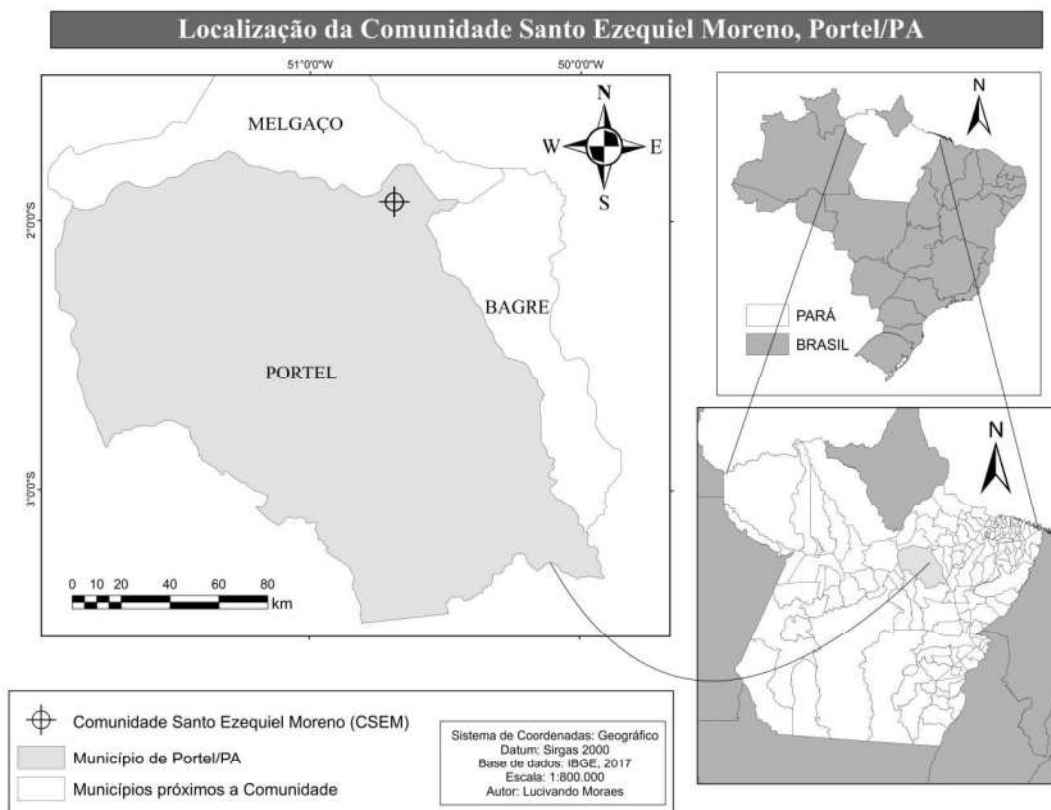
Apresente pesquisa é do tipo qualitativa/quantitativa e infere-se que esses dois tipos de pesquisa são complementares. Enquanto os elementos qualitativos nos permitem examinar em profundidade e com considerável extensão as qualidades do objeto de pesquisa, os quantitativos apresentam um potencial de maior abrangência, possibilitando comparações com estudos semelhantes existentes ou pesquisas futuras (Brumer, Rosenfield, Holzmann & Santos (2008).

O método utilizado é o estudo de caso, que segundo Becker (1994) e Robert (2001), trata-se de um método abrangente, uma investigação empírica, com a lógica do planejamento, da coleta e análise de dados. Becker (1994) destaca que nesse tipo de estudo é possível adquirir conhecimento do fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso.

Considerou-se nesta pesquisa a observação de Robert (2001, p. 27) “O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas”. Os procedimentos metodológicos serão detalhados a seguir e é importante ressaltar que para uma análise interdisciplinar crítica dos dados da pesquisa partimos da ideia de sistematização segundo Holliday (2006).

2.1 Área de estudo

A pesquisa foi desenvolvida na comunidade Santo Ezequiel Moreno (Figura 1), situada no arquipélago do Marajó, município de Portel/PA conforme as coordenadas 1°59'15"S e 50°37'14"O. Esta comunidade é adjacente a Baía de Portel e a margem do rio Acuti Pereira, a 278 km de Belém, contando com 27 casas e 28 famílias, sendo que uma família não possui residência. Não tendo sua área especificada, encontra-se no interior do Projeto Estadual de Assentamento Agroextrativista (PEAEX) Acuti Pereira que, recentemente, recebeu o Termo de concessão de direito real de uso sob condição resolutive via Instituto de Terras do Pará (ITERPA), com área total de 68.321,742 ha.

Figura 1. Localização da comunidade Santo Ezequiel Moreno, município de Portel/PA.

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>.

2.2 Procedimentos Metodológicos

2.2.1 Etapas da pesquisa

Para pesquisas que buscam profundidade, Oliveira (2000) enfatiza a importância do olhar, ouvir e escrever, destacando respectivas peculiaridades e objetivos de cada um desses itens pontuando descrição (por intermédio do olhar e ouvir); significação e sentido (através do escrever). O autor citado não trata esses itens de forma separada na pesquisa, considerando que eles ocorrem de forma simultânea e são complementares.

Assim, foi realizada pesquisa bibliográfica para nortear a construção do quadro teórico do artigo e posteriormente os dados foram coletados adotando-se as seguintes ferramentas: Observação participante (utilizando caderno de campo); Análise documental; Questionário A (Perfil Socioeconômico e Alimentação da comunidade); Linha de tempo; Entrevista diretiva; Entrevista não diretiva. Essas ferramentas foram utilizadas nas etapas da pesquisa, sendo que algumas serviram para mais de uma etapa em função da ampla abrangência de informações acessadas. Apresentamos a seguir, uma descrição das etapas da pesquisa de campo relacionando com os objetivos específicos.

O Quadro 1 sintetiza a metodologia apresentada, focalizando as atividades feitas em campo. Isso é importante, pois algumas ferramentas de coletas de dados foram utilizadas para o alcance de mais de uma etapa.

Quadro 1. Síntese das etapas de pesquisa.

ETAPAS DA PESQUISA DE CAMPO	FERRAMENTAS (COLETA DE DADOS)	AMOSTRAGEM/CRITÉRIO	ATORES
Primeira etapa: Identificação das inovações sociais	Observação Participante (Angrosino, 2009).*	Estilo e contexto do pesquisador na comunidade.	Moradores da comunidade; Lideranças comunitárias locais; Pessoas externas que contribuíram nas construções das inovações sociais.
	Análise Documental.*	Documentos relacionados às inovações identificadas.	
	Questionário A.*	Aplicado a 22 famílias.	
	Revisão Bibliográfica.*	Considerando pesquisas que discutiram sobre inovações.	
	Linha de Tempo - Inovações Sociais em torno do açaí relacionadas a organização na comunidade.*	23 comunitários (11 mulheres e 12 homens).	
	Entrevistas não diretas.*	Líderes da comunidade e pessoas importantes para a construção das inovações citadas pelos comunitários durante a construção da Linha de Tempo.	
Segunda etapa: Relações entre inovações	Revisão Bibliográfica.	Considerando pesquisas que discutiram sobre inovações.	
	Linha de Tempo - Inovações Sociais em torno do açaí relacionadas a organização na comunidade.	23 comunitários (11 mulheres e 12 homens).	
	Entrevistas Diretas.	Líderes da comunidade e pessoas importantes para a construção das inovações citadas pelos comunitários durante a construção da Linha de Tempo.	
Terceira etapa: Textualização	Elaboração do artigo segundo as análises realizadas		

*Dados utilizados em todas as Etapas.

Fonte: Autor. Trabalho de campo (2019)

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A organização como objeto e processo social

É notório, no Brasil, o envolvimento de diferentes tipos de associações da sociedade civil nas arenas de discussão e nos espaços de implementações de políticas públicas. Para Schmitz, Mota & Sousa (2017), existiu uma intensificação nesse processo a partir dos anos 90 com a concessão de crédito à agricultura familiar, estímulo à aquisição coletiva de maquinários, equipamentos e agroindústrias pequenas, além de demarcação e gestão de territórios como os quilombolas, projetos de assentamentos e reservas extrativistas.

No estado do Pará, pode-se perceber uma nítida expansão das associações, entretanto, estudos vêm mostrando que as pessoas têm enfrentado dificuldades significativas para tornar contínuo o associativismo (Schmitz, Mota & Sousa, 2017).

A ação coletiva é um aspecto relevante para a viabilização de inúmeras atividades no meio rural e, particularmente, viabilizar o exercício da dimensão social, organizacional da Agroecologia. Essa é uma árdua tarefa, existe grande resistência. Olson (1965) destacou que a ação coletiva é pouco provável, pois membros de um grupo com interesses comuns não agem voluntariamente para promovê-los, mesmo que pudessem viver numa situação melhor quando os objetivos fossem alcançados.

Para ele, isso se agrava em função da opção de não cooperar e mesmo assim usufruir o bem comum gerado (*free-rider*), além disso, afirmou que alguns optam pela não cooperação por considerarem suas contribuições insignificantes. Mesmo assim, ele destaca que a ação coletiva é mais provável em pequenos grupos, usando a organização como principal motor. Isso se torna uma grande preocupação, pois muitas comunidades tradicionais são desprovidas até mesmo de um representante comunitário, apesar de possuírem organização que lhes é inerente.

Para Crozier & Friedberg (1977), a organização é determinada pelas ações dos membros em um conjunto de relacionamentos que serve para resolver questões do cotidiano, ou seja, a organização não é necessariamente a instituição (associações, cooperativas), mas, muitas políticas públicas exigem tais intermediadores formais, limitando ainda mais a inclusão de comunidades tradicionais.

Friedberg (1995), quando trata de organização, sugere duas abordagens. A primeira considera organização como um objeto social, por exemplo: administração pública, empresas, partidos políticos, entre outros. Já a outra abordagem distingue-se pela maior sensibilidade relacionada à percepção das relações humanas, o que ele chama de processo social. Contudo, para o autor, organização é a soma desses dois fatores definindo como “conjuntos humanos formalizados e hierarquizados com vistas a assegurar a cooperação e a coordenação de seus membros no cumprimento de determinados fins” (Friedberg, 1995, p.375)⁵.

A análise feita por Friedberg ganha coerência à perspectiva mobilizada neste artigo, pois organização não pode ser limitada apenas a instituição, pois são as boas relações entre os associados que constroem a instituição. Na ausência de coesão entre as pessoas que formam a instituição, esta não cumpre seus respectivos objetivos.

⁵ Este é o conceito utilizado nesta pesquisa, ou seja, a “organização” das pessoas da comunidade estudada.

Ele destaca no estudo citado a importância de entender organização como processo social e critica aqueles que somente a tratam como um objeto social, apontando limites que essa forma de abordagem apresenta. Os estudos que consideram a abertura da problemática que envolve a organização defendida por Friedberg se basearam principalmente em Bennis (1966), pois este conseguiu ver as pessoas com suas inúmeras complexidades e reconheceu a imprevisibilidade que estas detêm.

Assim, entende-se que a organização é a base para as ações coletivas necessárias ao alcance do desenvolvimento em perspectiva ecológica e sociocultural a partir de enfoque sistêmico. Para Laville (2014), as associações (instituições) estão sendo vistas como grandes facilitadoras de fatores intimamente ligados à autonomia e isso pode se aplicar na Comunidade Santo Ezequiel Moreno por conta dos comunitários disporem de uma associação própria que tem observado atentamente princípios de organização, a Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas do Rio Acuti Pereira (ATAA). Associações são espaços nos quais as pessoas atuam de comum acordo, podendo até mesmo ser um campo fértil para a economia solidária.

3.2 Da inovação nos limites da economia à inovação social

O termo “inovação” nos remete a inúmeros sentidos e significados, sendo a aplicação no campo econômico o mais difundido. Essa abordagem está muito relacionada às análises de Schumpeter (1934, 1939, 1942) que têm sua gênese no contexto econômico. Segundo Patias, Gomes, Oliveira, Bobsin & Liszbinski (2017), este tipo de inovação se apresenta principalmente como inovação tecnológica e muitas dessas vêm sendo criadas para resolver problemas da humanidade, entretanto, em muitos casos estas são causas de agravamentos por não serem considerados os contextos de suas inserções.

Organizações mundiais como a Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) discutem sobre inovações e mesmo que o discurso trate de questões sociais, ambientais e econômicas percebe-se o maior interesse pelos possíveis ganhos econômicos, para eles:

Uma inovação é a implantação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios na organização do local de trabalho ou nas relações externas (DeOslo, 2006, p. 55).

Percebe-se nitidamente a relação com “marketing” e “negócios” destacando assim a dimensão econômica. Inovações não devem ser simplesmente implantadas em determinados contextos com regência da dimensão econômica, mas construídas principalmente pelas pessoas participantes de territórios com os demais atores.

Essa forma de abordar as inovações está amplamente ligada à ideia de “tecnologia” que em amplo sentido corresponde “a aplicação de conhecimento técnico e científico em processos e produtos, que são criados ou podem ser modificados a partir desse conhecimento” (De Medeiros, De Sousa, Correia, Gómez, & Castillo, 2017. p. 970). Assim,

percebe-se que as tecnologias possuem processos de construção ligados a aspectos de reprodução de capital.

Seguindo a abordagem econômica feita por Bessant, Tidd & Pavitt (2008), existem quatro tipos de inovações: I- Inovação de produto: mudanças nas coisas (produtos ou serviços) que uma empresa oferece; II- Inovação de processo: mudanças nas formas em que os produtos/serviços são criados e entregues; III- Inovação de posição: mudanças no contexto em que produtos/serviços são introduzidos; IV- Inovação de paradigma: mudanças nos modelos mentais subjacentes que orientam o que a empresa faz. A ideia de inovação estudada por esses autores não considera a complexidade relacionada a inovações, focando apenas em processos funcionais de empresas.

A Figura 2 revela uma abordagem que considera o desenvolvimento de inovações, focando no contexto empresarial, pois normalmente as empresas tratam cada fase de forma isolada. Essa abordagem trabalha com *feedbacks* que conectam as etapas do processo de construção promovendo o surgimento de inovações. Esta supervaloriza o conhecimento científico, conforme a visão cartesiana de ciência.

Figura 2. Representação do desenvolvimento de inovações do ponto de vista hegemônico.



Fonte: Grizendi (2006).

Nessa abordagem, não é valorado o desenvolvimento de inovações considerando-se variadas formas de conhecimentos, nem as inúmeras dimensões das quais territórios estão inseridos. Claramente se identifica apenas a intenção de lançar algo novo no mercado, fora de contextos e debates, algo mecânico que aparentemente procura homogeneizar anseios e necessidades de pessoas criando algo novo que o máximo de pessoas possa adotar. As inovações não podem se configurar somente como algo ao qual pessoas devem se adequar, pois imersos em linearidades, as perdas podem ser muito maiores do que os resultados positivos da criação e inserção de uma inovação.

Esta forma de considerar as inovações sociais lembra o “imediatismo” que Baumgarten (2008) considera como uma das mais nocivas dificuldades que o desenvolvimento multidimensional encontra. Culturas podem ser fragilizadas pela supervalorização da criação de um novo produto em função do lucro que ele pode gerar. A mudança de práticas tradicionais no contexto rural, por exemplo, é algo muito danoso para camponeses, pois, sem elas, tais pessoas afastam-se de conhecimentos que possibilitam sucesso em atividades

básicas como caça, pesca, agricultura, extrativismo, entre outras atividades que somadas as relações entre pessoas revelam culturas diferenciadas.

Entretanto, conceitos de inovação podem ser encontrados na literatura que trata de abordagens interdisciplinares e até mesmo transdisciplinares como: inovação camponesa (Alter, 2000, Albaladejo, 2001; Sabourin, Hocdé, Tonneau & Sidersky, 2006; Nascimento, 2019), inovações sociais (Dagnino & Gomes, 2000; Baumgarten, 2008; Bignetti, 2011; Medeiros, Capellesso, Cazella & Cortes, 2017), tecnologia social (De Albuquerque, 2009; Moraes, 2012), adequações/soluções sociotécnicas (Freitas, 2012; Medeiros et al., 2017), novidade (Wiskerke, 2004; Gazolla, Pelegrini & Cadoná, 2010) entre outros.

Os conceitos inter/transdisciplinares destacados contribuem amplamente para o entendimento de inovações considerando múltiplas dimensões, entretanto, a utilização de algum deles deve ser apontada pelo contexto em análise. Nesta pesquisa adotou-se o conceito “inovação social” de Bignetti (2011).

Esse conceito valoriza as particularidades e inclui a importância da participação e cooperação das pessoas nos processos de construções das inovações. Os protagonistas não são apenas os criadores ou difusores, mas todos os atores do processo. Além disso, conhecimento aplicado para que uma inovação social seja contemplada não é apenas o “científico”, pois os conhecimentos são variados. No caso dos camponeses, destacam-se os conhecimentos empíricos resultantes de práticas cotidianas, o tradicional que é repassado de geração em geração e também o técnico quando as pessoas acessam conhecimentos em nível de formação.

150

Assim, para que sejam geradas inovações sociais que considerem múltiplas dimensões é indispensável a apropriação de conhecimento científico ou empírico por diversos atores sociais, ou seja, esses conhecimentos devem ser disponibilizados para a sociedade (acessibilidade) e assim de fato resolver problemas. Contudo, inovações sociais precisam da coesão de múltiplos atores, resolver problemáticas e utilizar o conhecimento científico/ empírico de forma coerente.

Ao tratarem da evolução de conceito de inovações sociais, Agostini, Vieira, Tondolo & Tondolo (2017) destacam a importância de elas terem evoluído de uma perspectiva de apenas mudanças sociais para o entendimento de relações entre diferentes atores, instituições e o contexto dos quais estas são inseridas ou geradas. A presente pesquisa será desenvolvida buscando entender algumas dessas complexidades inerentes as inovações sociais.

4 RESULTADOS

Nesta seção são descritas e analisadas as inovações sociais estudadas na comunidade. Apresentamos a linha do tempo de cada uma das inovações e uma análise problematizadora visando o entendimento em múltiplas dimensões da sustentabilidade.

4.1 Fundo Solidário Açaí

A extração de açaí é a principal fonte de renda desses ribeirinhos e atividade produtiva de maior destaque na comunidade segundo declaram os comunitários. A produção da farinha de mandioca é a segunda atividade produtiva mais importante para eles e sua produção é intensificada no período de entressafra do açaí em função da renda que esse bem gera para as pessoas da comunidade.

A produção de farinha e a pesca são as duas atividades mais importantes depois do açaí na comunidade. Os produtos (açaí, farinha e peixe) mantem certa relação entre eles, pois quanto mais se produz açaí, mais esses dois outros bens são demandados.

A pesca é classificada como terceira atividade produtiva mais importante dos comunitários, mas os dados coletados em campo por meio da observação participante (caráter etnográfico) revelam que esta atividade é exercida cotidianamente e o pescado é um elemento de elevada frequência na mesa desses ribeirinhos. O fato do pescado não ser um produto destinado à comercialização o coloca em uma posição inferior. No entanto, a sua importância para a alimentação é incontestável.

O açaí domina a paisagem de várzea que circunda as casas, mas é comum identificar a valorização da diversidade vegetal nos açazais e também na comida das pessoas. Prova disso é que a merenda escolar da comunidade é composta por açaí e seus derivados, farinha de mandioca, peixes, frutas locais entre outras comidas que contribuem para a valorização da cultura alimentar local e nutrição de qualidade.

A Comunidade Santo Ezequiel Moreno é um lugar muito dinâmico onde os comunitários são providos de liberdade para ensinar e aprender a respeito de assuntos como: técnicas aplicadas ao seu território e meios de vida, arte, bem-estar, autonomia, direitos, deveres, religião, entre outros. A religião é algo muito valorado entre estes ribeirinhos, sendo evidenciados entre eles valores como união, liberdade e fraternidade.

A religião de maior destaque no local é católica e a grande maioria dos moradores da comunidade se identifica como católicos. Teofro Lacerda, um dos protagonistas da organização local, é católico praticante e desde criança vêm participando inclusive das missões protagonizadas por pastorais e é sabido que as famosas Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBs) são providas de embasamento que pode ser facilmente relacionado à Economia Solidária.

Certamente a religião local proporcionou um campo fértil para que a comunidade estabelecida sobre as águas do rio Acuti Pereira pudesse iniciar uma importante caminhada em direção ao desenvolvimento local. Nesse sentido, em 2003 foi criada a comunidade Santo Ezequiel Moreno e a partir de então os comunitários passaram a evidenciar ainda mais princípios difundidos pelas CEBs.

Foi com a colaboração de féis da igreja, que as primeiras coletas direcionadas a bens comuns da comunidade SEM foram feitas. Em 2004, os comunitários criam a ATAA, fortalecendo ainda mais a organização local. A criação da associação contou com importante contribuição da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional

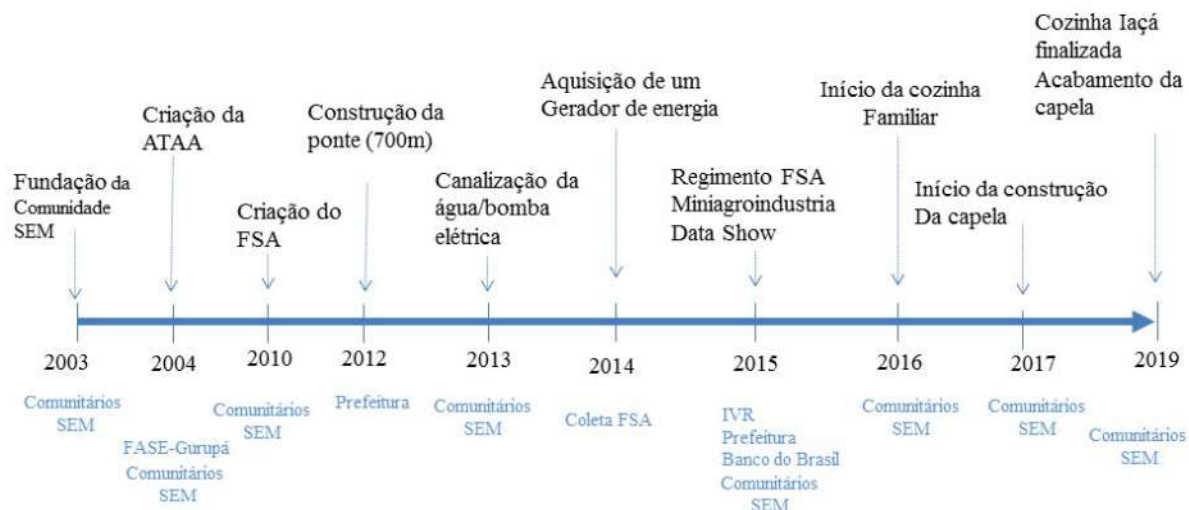
Gurupá (FASE-Gurupá) que teve participação em um evento denominado “Seminário de Fortalecimento Associativo e Sensibilização para o Uso Sustentável do Rio Acuti Pereira, Portel – PA” que destacou na comunidade princípios de associativismo em 2004 e 2006.

Essas coletas foram feitas em um contexto de inúmeros problemas enfrentados pela comunidade como miséria, saúde precária, educação de baixa qualidade e desequilíbrio ambiental. Foi imerso nesses contextos que um grupo de ribeirinhos de SEM começa a pensar em uma forma coletiva de desenvolvimento local. Durante a construção da Linha do Tempo foi destacado por uma líder feminina: “Tô falando da equipe que começou: Teofro, Sônia, Nazareno, Luciele, que era secretária. Até aí não tinham outros parceiros” (Melo, 34 anos, 2019). Segundo os comunitários, esses foram os “idealizadores” do FSA da comunidade.

Os “parceiros” destacados pelos ribeirinhos são atores externos que são fundamentais na construção de inovações sociais e estiveram presentes também na construção do FSA, mas não desde o início. É importante perceber que a gênese do FSA é identificada em uma autoanálise realizada pelos próprios comunitários diante de contextos adversos e os atores externos participaram e cooperaram para o êxito desta inovação social somente depois.

Efetivamente o FSA só foi criado em 2010, entretanto, isso só foi possível devido ao nível de organização que começou em 2003, com a criação da CEB e 2004 com a criação da ATAA. Isso pode ser visualizado de forma panorâmica na Figura 3.

Figura 3. Linha de tempo da criação do Fundo Solidário Açai (FSA) com os principais acontecimentos, anos e atores externos.



Fonte: Autor. Trabalho de campo (2019).

Teofro, um dos líderes locais, comenta que a saída do açai da comunidade sem deixar nada para os comunitários incomodava, assim, líderes da comunidade começaram a aprofundar esse debate de forma interna e tiveram a ideia de propor uma coleta de R\$ 1,00 por cada lata do fruto do açai vendida. Munidos de esperança, socializaram a ideia com os outros moradores em um domingo, enfrentando considerável resistência daqueles que

não acreditavam na iniciativa e mesmo assim continuaram. Ele afirma que com o passar do tempo os resultados positivos foram aparecendo (Miranda et al., 2017). A ideia rompeu dificuldades e nos anos seguintes esse valor tem oscilado de forma ascendente (média R\$ 2,00), tudo de forma consensual entre moradores da comunidade SEM.

Em 2012, o FSA teve seu primeiro resultado referente a serviços coletivos dos comunitários com a construção de uma ponte feita de madeira que mede aproximadamente 700 metros. A ponte inicia sob o rio Acuti Pereira, serve como “ruas” entre as casas dos comunitários, passa pelo açaizal da comunidade e termina no centro (área de terra firme) onde também se encontra um viveiro para a produção de mudas (Fotografia 1).

Fotografia 1. Família da comunidade utilizando a ponte para facilitar o transporte de açaí comercializado na cidade de Portel.



Fonte: Autor. Trabalho de campo (2019).

Os moradores relatam que antes as pontes eram construídas com os estipes do açaizeiro. A durabilidade do material era pequena e havia risco de acidentes. A precariedade da construção influenciava no tempo de entrega da produção aos compradores e até mesmo nas suas próprias casas para o consumo. Hoje os processos de extração e comercialização do açaí foram facilitados pela existência da ponte. A ponte da comunidade foi ideia dos comunitários, os recursos do FSA foram utilizados para aquisição de grande parte da madeira necessária. A mão de obra foi suprida pelos próprios comunitários através de mutirões e a prefeitura ajudou com materiais para finalização da ponte. As reformas periódicas são feitas pelos comunitários.

Os recursos do FSA possibilitaram a aquisição da bomba elétrica e tubulação para que hoje a comunidade pudesse desfrutar de água encanada. Além da água, a energia elétrica foi facilitada pelo FSA, pois foi a partir do dinheiro coletado que a comunidade

adquiriu um gerador a gasolina que funciona a partir de 18 horas no local e normalmente é desligado antes das 22 horas.

As dificuldades que foram sendo superadas mediante a construção do FSA revelam que de fato existem resistências em tornar contínuos a aplicação de princípios associativistas, como destacam Schmitz, Mota & Sousa (2017), entretanto, isso pode ser superado com a sensibilização de múltiplos atores no sentido de alcance de desenvolvimento coletivo.

Em 2015, a partir de uma assessoria do Instituto Vitória Régia (IVR), foi elaborado um regimento interno para o funcionamento do FSA. No regimento interno foram formalizados os acordos coletivos sobre a gestão financeira do fundo e a destinação dos recursos arrecadados. Comunitários relatam que antes da construção do regimento eles sentiam a necessidade de promover variadas reuniões no local para tratar assuntos referentes ao FSA, em média eram três encontros por semana. Com o regimento passaram a reunir somente uma vez ao mês. O FSA é coordenado por um homem ou uma mulher, alocados nos cargos de Coordenador e Vice Coordenador com mandato de 2 anos, podendo ser renovado por igual período. A rotatividade dos coordenadores/as tem a finalidade de evitar a sobrecarga de responsabilidades e permitir o aprendizado de novas lideranças locais.

O início da construção da Cozinha Familiar, que após estreitamento de relação com o projeto “Mulheres Marajoaras: Inclusão Produtiva e Sustentabilidade” desenvolvido pelo Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) passou a ser Cozinha Agroextrativista laçá (CAI), e da capela também ocorreu graças ao recurso do FSA. A Cozinha Familiar começa a ser construída em 2016, a ideia inicial era construir uma cozinha grande para produção de refeições coletivas para os comunitários em eventos da comunidade. Após maior aproximação com o IEB, no sentido de aprofundar o debate sobre a importância de agregar valor à produção agroextrativista local, promover maior inserção da comunidade no mercado institucional e valorização da mulher neste território, a ideia é ampliada, surgindo a CAI.

O FSA é a inovação social de maior destaque da comunidade Santo Ezequiel Moreno. Miranda et al., (2017) comparam a expansão desta inovação com as variadas brotações de perfilhos em uma touceira de açaí que são perceptíveis ao decorrer do ciclo de vida da *Euterpe oleraceae* Mart. Segundo a autora e sua equipe, em 2017 foram registradas 16 iniciativas comunitárias (perfilhos) que tiveram apoio financeiro do FSA (Quadro 2, primeira coluna). A partir dessa constatação, realizamos uma atualização para o ano 2018 no início dessa pesquisa (Quadro 2, segunda coluna).

Quadro 2. Panorama de ações coletivas levantadas pelo IEB em 2017 e avaliação atual, pós visita a comunidade.

Ações Relacionadas ao Fundo	Acompanhamento das Ações Durante a Campanha
2017*	2018**
1. Ampliação do centro comunitário e construção do banheiro com caixa d'água.	O centro comunitário conta com banheiros ecológicos ribeirinhos (professores da UFRA).
2. Construção da ponte de 690 metros.	Sofreu uma nova reforma.

3. Canalização de água e bomba elétrica.	Está funcionando perfeitamente.
4. Gerador de luz da comunidade.	Estão se articulando para conseguir luz elétrica junto a CELPA.
5. Criação de aves.	Está passando por problemas, pouquíssimos moradores criam.
6. Tanque de piscicultura (atualmente está desativado).	Continua da mesma forma.
7. Compra de um Data show.	Muito utilizado, principalmente em eventos de capacitação ou comemorativos.
8. Construção de uma pousada e restaurante (início da construção).	Construção concluída.
9. Miniagroindústria.	Ainda existe, mas com pouca utilização em função do problema com energia.
10. Construção da igreja.	Houve avanços, mas não está concluída até hoje. Missas ocorrem no Centro comunitário.
11. Empréstimo para resolver situações de saúde (Microcrédito).	Continua em funcionamento.
12. Financiamento da participação de comunitários em eventos	Participam de muitos eventos, até mesmo de cunho interestadual.
13. Passarelas que ligam as moradias.	Continuam passando por contínuas reformas.
14. Documentação da Associação, pagamento de Contador.	Ainda utilizam o dinheiro do fundo para este fim.
15. Apoio à primeira feira de ciências da Gleba Acuti Pereira – maio de 2016.	Apoiou a II edição (2017) e também está contribuindo na III (22 - 24 /11/2018).
16. Construção da casa de apoio para o viveiro de mudas frutíferas e florestais.	Continua funcionando.

*Dados publicados por Miranda et al. (2017).

**Observações feitas pelo presente autor em campanha realizada.

Fonte: Autor. Trabalho de campo (2018).

Além de a cooperação financeira contribuir na resolução de limitações relacionadas a bens materiais, a comunidade direcionou de forma conjunta recursos para educação e isso revela a noção de futuro que a comunidade já internaliza desde o início dessa inovação local. A seguir, pode se perceber na fala de Carlos Ramos, Engenheiro florestal, que contribuiu na formação dessa inovação, elementos que revelam o uso da cooperação em algo que vai além do imediatismo.

O investimento em educação... Acho que foram muito sábios ao investirem no Teofro, no Nilson, no irmão do Teofro que foram pessoas formadas com o apoio do Fundo Solidário Açaí. Imagina se cada comunidade fizer isso! Nós não vamos ter recurso governamental tão cedo para transformar estruturas que nos afligem e o fundo açaí, neste caso, consegue resolver isso. Outra coisa também é o saneamento básico e o investimento em hortaliças, e aí nós estamos falando de PNAE, acho que tudo isso é o que de início o Fundo Açaí possibilita (Ramos, 44 anos, Engenheiro florestal, 2019).

A inserção no mercado institucional, a valorização da educação e as conquistas de novos bens e serviços coletivos são alguns resultados da correta aplicação de renda que nasce na própria floresta através do açaí. Percebemos que a operacionalização da ação coletiva na comunidade deriva-se do acesso à educação e coesão social, com isso a baixa probabilidade em ocorrer ações coletivas por Olson (1965) pode ser mitigada em

comunidades tradicionais, contexto que necessita da organização para alcance de objetivos. O êxito do FSA já inspira outras comunidades como podemos observar na fala de Ramos.

Minha função foi criar outros fundos florestais comunitários com base no fundo açaí em Curralinho, Chaves, agora recentemente em Afuá e em Melgaço, depois em Almeirim e Breves. Sou um mero repassador que faço a socialização dessa experiência, mas cada local acha a sua estratégia de melhor uso da floresta, de melhor usar o fundo coletivo. Das experiências que eu tive, fui pra Chaves, falei, eles fizeram, fui pra Curralinho, eles fizeram, fui pra Afuá, eles fizeram (...) (Ramos, 44 anos, Engenheiro florestal, 2019).

Segundo o Engenheiro Florestal Carlos Ramos, o fundo solidário açaí é uma ideia criada pela própria comunidade, o que ele afirma ser uma “pequena grande revolução” pelos profundos impactos positivos causados por essa inovação social no local, em outros municípios e na sua vida em particular. Segundo ele, depois de conhecer o FSA, parou de trabalhar com grandes projetos e hoje é convidado a trabalhar com pequenos projetos, mas com resultados muito importantes. Percebe-se claramente que o FSA possibilitou uma revisão de seus conhecimentos técnicos. Segundo Ramos, “O camarão também podia ser um Fundo Solidário e aí o pessoal de Melgaço e de Bagre podia produzir camarão e separar 1 real por rasa que vende, ou menos” (Ramos, 44 anos, Engenheiro florestal, 2019).

Ele destaca que para a existência de outros fundos solidários em comunidades ribeirinhas das quais ele já esteve presente na Amazônia, muitas devem aprender algo com a comunidade Santo Ezequiel Moreno: “Eu acho que a união em Santo Ezequiel Moreno transpassou da palavra **união** para a palavra **confiança**, confiança entre seus pares. Talvez esse seja o principal vínculo que torna Santo Ezequiel Moreno tão diferente” (Ramos, 44 anos, Engenheiro florestal, 2019).

Essa confiança destacada pelo entrevistado é reflexo da elevada cooperação que vêm facilitando ações coletivas na comunidade Santo Ezequiel Moreno, assim, percebe-se que de fato a organização presente na comunidade não é apenas institucional identificada pela associação local, mas existe a valorização da relação entre as pessoas, como propõe Friedberg (1995). É este tipo de organização que vem resultando em inovações sociais em torno do açaí. Isso certamente foi a base para os inúmeros resultados positivos no sentido do desenvolvimento sustentável que a comunidade vem alcançando.

Atualmente, a ideia do fundo solidário é socializada em outros lugares através de palestras e eventos onde os representantes da comunidade são convidados a relatar a experiência. Alunos e profissionais de instituições de pesquisa, ensino, extensão, ONGs e até mesmo representantes de empresas, fazem vivências na comunidade e os comunitários reconhecem a importância das trocas de conhecimentos que ocorrem nesses encontros. Para a comunidade, tais socializações são oportunidades para aquisições de conhecimentos que culminam no desenvolvimento da sua própria comunidade e formação de parcerias.

4.2 Centro de Referência em Manejo de Açaizais Nativos no Marajó

O açaí presente de forma abundante na comunidade estudada fornece dois produtos importantes ao longo de sua história, o palmito e o fruto. O palmito sempre foi um produto importante na relação com agentes de comercialização externos a comunidade a exemplo do regatão (Miranda, et al., 2017). O fruto tem grande importância comercial, mas também para alimentação dos comunitários. As relações de trocas desses dois produtos no sistema de comercialização do regatão nem sempre era vantajosa para os comunitários. O palmito era quase uma moeda para trocar por produtos que não eram produzidos na comunidade como era o caso da farinha. Essa situação vai mudar a partir da valorização do açaí/fruto no mercado local, regional e nacional.

A aplicação da força de trabalho dos comunitários na atividade de extração do palmito era intensa e isso limitava a necessária diversificação das produções vegetais da comunidade que poderia combater a dependência relacionada a um único produto como o palmito.

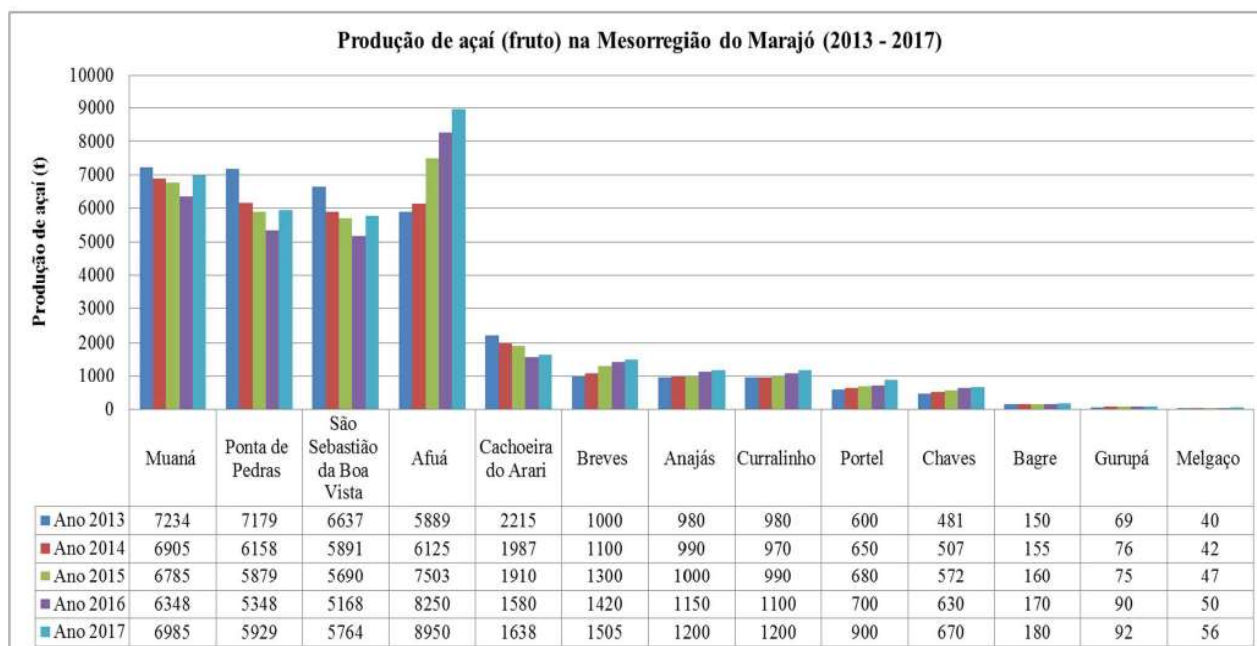
Segundo comunitários, a produção de um quilo de palmito requer a supressão de cinco estipes – de cada estipe pode-se extrair 200 g –, o que significa que a produção entre 2000 e 2015 levou à derrubada de milhares de açaizeiros na região de Portel. No caso específico da comunidade Santo Ezequiel Moreno, isto provocou a falta de açaí em 2004, afetando diretamente a base da dieta alimentar das famílias (Miranda et al., 2017, p. 65).

Estudo e relatos de comunitários revelam que havia um manejo predatório do açaí chegando ao ponto de comprometer a própria segurança alimentar na comunidade. A valorização do açaizeiro começou por meio da ação de ONGs, formações técnicas, acesso à informação e reflexão dos próprios comunitários. Manejar o açaizeiro de forma sustentável passou a ser um objetivo dos membros da comunidade. Um dos principais líderes da comunidade afirma “a nossa comunidade já tinha vontade de trabalhar o manejo de mínimo impacto nos açaizais e em função disso criamos o *centro* aqui em Santo Ezequiel Moreno. Isso não foi só para a comunidade, foi para todo o Marajó” (Teofro, 41 anos, 2019).

Isso revela que os comunitários em questão migraram de uma concepção imediatista a qual Baumgarten (2008) já anunciava como algo nocivo para a geração de desenvolvimento caracterizada pela exploração de palmito para uma utilização diversificada do agroecossistema de várzea com a aplicação do manejo de açaizais.

O Centro de Referência em Manejo de Açaizais Nativos no Marajó (Manejaí) é uma inovação social que nasce no município de Portel/PA, que apesar de ser o 9º maior produtor dos 16 municípios que formam a Região Geográfica Intermediária de Breves, encontra-se em uma crescente produção de frutos do açaí desde 2013 (Figura 4).

Figura 4. Série histórica da produção de açaí na Mesorregião do Marajó (2013-2017).



Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (2017)

O Manejá surge a partir do desejo dos comunitários de SEM em manejar seus açaizais de forma sustentável diante da forma predatória que era considerada comum entre eles, apesar dos graves danos resultantes. Foi no ano de 2018 que o assistente da Embrapa Cesar Andrade, em visita a comunidade, percebeu o valioso capital social das pessoas de Santo Ezequiel Moreno e depois de conversas com lideranças locais e instituições da sociedade civil organizada de Portel levou à Embrapa Amazônia Oriental a proposta de incorporação do Manejá ao Projeto Bem Diverso.

O Bem Diverso é um projeto que busca contribuir para a conservação da biodiversidade do Brasil em paisagens de múltiplos usos por intermédio do manejo sustentável da sociobiodiversidade e de sistemas agroflorestais (SAF), de modo a assegurar os modos de vida das comunidades tradicionais e agricultores familiares, gerando renda e elevando a qualidade de vida. É uma iniciativa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com recursos do Fundo Mundial para o Meio Ambiente (GEF) (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada [IRPAA], 2019). Nesse sentido, existe a contribuição de outros atores na construção e operacionalização dele, mas a ideia de trabalhar o manejo dos seus açaizais e ajudar outros ribeirinhos neste sentido partiu dos comunitários.

A sede do Manejá se encontra na comunidade SEM, e suas ações atuais também contam com importante participação da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) no sentido de desenvolvimento de pesquisas acadêmicas.

O Manejá conta principalmente com a sociedade civil organizada do município de Portel como: STTR (Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) Portel; ASMOGA

(Associação dos Moradores da Gleba Acuti Pereira) e EMATER-Portel (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará Portel) e a comunidade Santo Ezequiel Moreno. Este “centro” é um grupo de pessoas que pensam, articulam e executam manejo de açazais em vários municípios de Portel, servindo como um ponto focal atrelado ao Projeto Bem Diverso no município.

Figura 5. Linha de tempo do Centro de referência em manejo de açazais nativos do Maraió.



Fonte: Autor. Trabalho de campo (2019).

A comunidade Santo Ezequiel Moreno contribui para o avanço do Manejaí à medida que atua de forma coesa, mantém um bom diálogo com os técnicos e assessores. Em 2019 o Manejaí concluiu a formação dos seus facilitadores e no mesmo ano já iniciou capacitações referentes ao manejo de açazais no município de Portel. O Projeto Bem Diverso se responsabilizará pela identificação de novas formas de manejar os açazais. A inclusão do Manejaí amplia o espaço de debate no sentido de desenvolvimento territorial. Técnicos da Embrapa têm chamado isso de “o legado” dessa grande iniciativa.

O FSA não aparece na linha de tempo dessa inovação, mas recursos dele são utilizados para construção das estruturas de acolhimento e formação de facilitadores que posteriormente capacitam outras pessoas em variadas comunidades do município. Além disso, ele serve como inspiração para que exista cooperação também na inovação Manejaí, percebe-se a atuação do FSA como elemento de coesão nesse contexto. Até mesmo a iniciativa de formação do capital do Fundo também já está sendo pensada para o Manejaí, os que constroem a inovação já sonham com o Fundo de Desenvolvimento, mas isso ainda é uma perspectiva futura.

Fotografia 2. Evento do Manejái na comunidade Santo Ezequiel Moreno com a presença de comunitários e diversos atores que constroem essa inovação social.



Fonte: <https://www.manejai.com.br/imagens>

Fotografia 3. Estrutura física do Manejái na comunidade Santo Ezequiel Moreno.



Fonte: Autor. Trabalho de campo (2020).

A presença do Manejái na comunidade Santo Ezequiel Moreno torna possível o manejo do açazeiro no local de forma sustentável com a considerável participação da comunidade, acompanhamento técnico e fomento local, estadual e internacional, como será detalhado a seguir. Além disso, a forma de manejar o açazeiro, desenvolvida por este grupo, valoriza a manutenção da biodiversidade, principalmente a diversidade vegetal, que no manejo intensivo é fragilizada tendendo a “açaiização”. Assim, a comunidade Santo Ezequiel Moreno cria pontes que levam a vários parceiros no sentido do desenvolvimento endógeno da comunidade e de outras comunidades.

A parceria entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), vem possibilitando a condução do “Projeto Bem Diverso” neste território, com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF), com o objetivo de contribuir com a conservação da biodiversidade brasileira e com a geração de renda para comunidades tradicionais e agricultores familiares. Entre as principais atividades, são conduzidas capacitações de técnicos e lideranças comunitárias para atuarem como agentes multiplicadores da tecnologia “manejo de mínimo impacto de açaizais nativos” (Andrade & Queiroz, 2019, p.6).

O que Andrade (2019) cita acima mostra a relação entre agências nacionais e internacionais com a implementação do Manejaí. As formações de agentes multiplicadores, com base nas técnicas de manejo do Manejaí, ampliaram a escala do manejo no município de Portel e possibilitou a expansão do Projeto Bem Diverso para mais 13 municípios do arquipélago marajoara. Onde existe uma nova parceria, formação de agentes multiplicadores, reuniões institucionais voltadas à utilização do açaí, o Manejaí busca expandir a sua rede de participantes oportunizando debates no sentido de aperfeiçoamento de suas metodologias e aumento de atuação.

O Projeto Bem Diverso começou a ser executado no final de 2016 e em 2017 me convidaram para participar diretamente nessa formação de agentes multiplicadores, em 2018 nós começamos a observar que aquilo por si só não iria causar o impacto esperado na região, então tínhamos que fazer algo a mais e aí iniciei uma proposta de diálogo, construção com os técnicos que estão sendo capacitados, principalmente da EMATER, Técnicos da Secretaria de Agricultura, Professores, Alunos e lideranças comunitárias para serem agentes multiplicadores dessas tecnologias num processo metodológico para técnicos. Nasceu aí! Não tínhamos o nome Manejaí, mas a concepção dessa ideia, de que precisava fazer algo mais, um movimento de união, de empoderamento. Então, começou com uma adequação do material didático de metodologias que o Leite traz na formação de agentes multiplicadores, transformando esse material com a ajuda do extrativista e com ajuda do técnico em uma linguagem adequada para o diálogo entre o agente e o extrativista (Andrade, 50 anos, Assistente da Embrapa Amazônia Oriental, 2019).

O Analista da Embrapa Amazônia Oriental José Antônio Leite de Queiroz foi uma pessoa que muito colaborou com o Projeto Bem Diverso, principalmente com relação às atividades voltadas ao bioma Amazônia. Ele faz parte do Manejaí e acompanha constantemente a construção de metodologias voltadas ao manejo do açaizeiro adotadas no projeto. A forma de manejar desenvolvida pelo Manejaí conta com um material denominado “mochila do facilitador” formado por: cartilha do facilitador, apresentações didáticas da metodologia, apresentação em *PowerPoint*, ficha de inventário, texto ajuda e guia prático.

A mochila é composta por um conjunto de ferramentas, metodologia e práticas que subsidiará a atuação dos agentes como facilitadores, na condução de capacitações de moradores das comunidades ribeirinhas, para produção de frutos de açaí de forma sustentável. A disponibilização deste conhecimento, tendo os facilitadores como equipe técnica, pode ser potencializada a partir da multiplicação de projetos conduzidos por entidades locais com capacidade de captação e gestão de recursos que possam promover a democratização destas práticas (...).

De forma participativa, a construção da Mochila do Facilitador, baseado nas dificuldades, potencialidades e necessidades da região, com o objetivo de colaborar com o empoderamento de pessoas e de organizações locais, para condução de práticas que colaborem com o desenvolvimento a partir do uso do manejo de mínimo impacto de açaizais nativos, contribuindo com a multiplicação do conhecimento, manutenção e/ou

aumento da diversidade, aumento da produtividade e do período de safra do açaizeiro, geração de renda e trabalho, redução do esforço físico do coletor de açaí e o aumento da segurança na coleta de cachos. (Andrade & Queiroz, 2019, p.6).

Sem a manifestação do desejo de melhor utilização dos açaizais locais o Projeto Bem Diverso não teria chegado a Portel e o Manejaí não existiria. Assim, percebe-se a abordagem defendida por Agostini et al. (2017) que considera relação/atuação de múltiplos atores é fundamental para a construção de inovações sociais. A comunidade SEM juntamente com os demais atores construíram o FSA tiveram que apresentar atitudes no sentido da construção do mesmo, o capital social da comunidade SEM foi decisivo para a existência desta inovação. Segundo o líder comunitário Teofro Lacerda:

O Bem Diverso estava escalado só para chegar até Melgaço, não para Portel, mas a professora Gracialda da UFRA trouxe o Cesar Andrade aqui na comunidade e ele percebendo o potencial local e a vontade da comunidade em manejar seu açaí ele comunicou seus superiores para que o projeto fosse implantado aqui no Acuti Pereira, Portel, sendo aceito (Teofro, 41 anos, 2019).

O Manejaí é uma reunião de múltiplos atores, criada na comunidade Santo Ezequiel Moreno para contribuir com o manejo do açaizeiro no arquipélago do Marajó considerando a soma de contribuições de todos aqueles que o constrói. A valorização da organização dos membros do Manejaí tem inspiração em outra inovação social da comunidade Santo Ezequiel Moreno, o Fundo Solidário Açaí: “Nós estamos usando essa experiência para dentro do Manejaí, multiplicando a tecnologia, criando o fundo Manejaí pra retroalimentar o sistema. Manejaí é essa troca e essa soma de conhecimentos, expertises e valores que vem do Marajó” (Andrade, 50 anos, Assistente da Embrapa Amazônia Oriental, 2019).

Presente em várias comunidades ribeirinhas do município de Portel, o Manejaí, além de compartilhar uma forma de manejar açaizais, pensada com participação marcante dos ribeirinhos, segue deixando “vitrines” por onde passa para que os agentes multiplicadores formados em determinada comunidade possam compartilhar com outras pessoas da comunidade de forma autônoma, ou seja, a presença de um técnico especializado é dispensável.

Fotografia 4. Unidade experimental de manejo do açaizeiro da comunidade Santo Ezequiel Moreno.



Fonte: Autor. Trabalho de campo (2019).

O líder comunitário Teofro Lacerda também é agente do Manejaí e em entrevista sobre o trabalho prático nas comunidades destaca: “quando nós saímos das comunidades deixamos sempre uma vitrine pronta, manejada (50m x 50m) e daí em diante é com eles” (Teofro, 41 anos, 2019).

Portanto, as formações de agentes multiplicadores e construções de unidades experimentais em várias comunidades são verdadeiras vitrines que o Manejaí vem implantando no município de Portel, essas estão carregadas de potencialidades que se bem trabalhadas melhorarão ainda mais a vida de ribeirinhos e conseqüentemente de todo o município de Portel no sentido da sustentabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo contemplando diversos atores que participam das construções das inovações sociais analisadas, a presente pesquisa consegue destacar a comunidade Santo Ezequiel Moreno e entender o seu protagonismo ao decorrer das criações e desenvolvimentos das inovações sociais consideradas. O FSA é uma inovação social que serve de base para o surgimento de outras em função da boa experiência de organização e cooperação dos comunitários presentes no seu histórico de construção. O Manejaí é uma inovação social que revela resultados da organização comunitária presente na comunidade Santo Ezequiel Moreno que transpassam o território e aplicam com êxito a ideia de territorialidade.

As escolhas teóricas utilizadas nas análises propostas possibilitaram abordagens sistêmicas dos objetos de pesquisa, esclarecimentos atrelados a conceitos muito debatidos como desenvolvimento, território, inovação, organização e ação coletiva. Nesse sentido, foram fundamentais para a compreensão das inovações sociais abordadas por este estudo na comunidade SEM. Existe uma lacuna teórica relacionada a este tipo de pesquisa identificada pela existência de poucos debates científicos que destaquem o conceito inovações sociais em territórios específicos, como foi o caso deste artigo, que operacionalizou o referido conceito em comunidade tradicional. A grande maioria dos estudos sobre inovações consideram apenas abordagens cartesianas as quais invisibilizam peculiaridades.

Inovações sociais são detentoras de elevado potencial para mitigação da pobreza em território marajoara o qual vem sofrendo com a falta de políticas públicas básicas. As inovações sociais relacionadas à organização da comunidade SEM mostram que com recursos locais e organização as comunidades podem melhorar seu desenvolvimento.

Os principais obstáculos enfrentados pelas inovações identificadas no respectivo território são a falta de políticas públicas, ausência de assistência técnica e baixo nível educacional. Isso foi superado na comunidade com uma coesa organização e execução de ações coletivas.

É importante destacar dois atores sociais diretamente envolvidos com as inovações sociais identificadas. As CEBs, que estimulam a formação religiosa e integral das pessoas, é um ator diferenciado o qual a comunidade tem contínuo acesso. E a FASE, pois a mesma motiva e utiliza estratégias para o acesso a formação política de comunitários facilitando

avaliações contínuas do contexto local e conseqüentemente identificação de possíveis formas de resolução de problemas e/ou aperfeiçoamento de boas iniciativas.

Existem atores sociais que não se envolvem diretamente com a construção das inovações sociais em função dos mesmos, com mínima contribuição ou nenhuma, acessarem resultados positivos de “carona” (*free-rider*) como explica Olson (1965). Além disso, alguns apresentam objetivos não comuns aos demais atores como elevação de visibilidade, ascensão política e acumulação de capital em função das conquistas oriundas das inovações.

REFERÊNCIAS

- Agostini, MR, Vieira, LM, Tondolo, RDRP, & Tondolo, VAG (2017). Uma visão geral da pesquisa em inovação social: orientando estudos futuros. *BBR. Brazilian Business Review*, 14, 385-402.
- Albaladejo, C. (2001). Una Argentina discreta... La integración social y territorial de las innovaciones de las familias rurales en el partido de Saavedra. *Revista Universitaria de Geografía*, 10(1-2), 131-148.
- Alter, N. (2000). L'innovation ordinaire—Ed. *Puf, Coll., Quadrige-Essais et Débats*.
- Andrade, A. C. S., & Queiroz, J. A. L. de. (2019). Manejaí Centro de Referência em Manejo de Açaizais Nativos no Marajó: Cartilha do Facilitador. Belém: Embrapa.
- ANGROSINO, M. (2009). Etnografia e observação participante. Porto Alegre: *Artmed*.
- Baumgarten, M. (2008). Conhecimento e Sustentabilidade: ciência, tecnologia e inovação social. Projeto de Iniciação Científica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul—UFRGS, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Becker, H. S. (1994). Observação social e estudos de caso sociais. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*.
- Bennis, WG e BENNIS, WA (1966). Mudando as organizações: Ensaio sobre o desenvolvimento e a evolução da organização humana. Nova York: McGraw-Hill.
- Bessant, J., Tidd, J., & Pavitt, K. (2008). *Gestão da inovação*. Porto Alegre.
- Bignetti, L. P. (2011). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(1), 3-14.
- Brumer, A., Rosenfield, C. L., Holzmann, L., & Santos, T. S. D. (2008). A elaboração de projeto de pesquisa em Ciências Sociais. *Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da UFRGS*, 125-146.
- Centro de Referência em Manejo de Açaizais no Marajó (2019). *Imagens*. Belém: Autor. Recuperado de <https://www.manejai.com.br/imagens>
- Crozier, M., & Friedberg, E. (1977). L'acteur et le système.

- Dagnino, R., & Gomes, E. (2000). Sistema de inovação social para prefeituras. In *Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia para Inovação. Anais... São Paulo*.
- De Albuquerque, L. C. (2009). Tecnologias sociais ou tecnologias apropriadas? O resgate de um termo.
- Deleuze, G., & Guattari, F. Mil Platôs—capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1975. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*.
- De Medeiros, C. B., De Sousa Galvão, C. E., Correia, S., Gómez, C., & Castillo, L. (2017). Inovação social além da tecnologia social: constructos em discussão. *Race: revista de administração, contabilidade e economia*, 16(3), 957-982.
- De Oslo, M. (2006). Diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação, 3ª Edição. *Publicação conjunta de OCDE e Eurostat*.
- Freitas, C. C. G. (2012). *Tecnologia social e desenvolvimento sustentável: um estudo sob a ótica da adequação sociotécnica*. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, PR, Brasil.
- Friedberg, E. (1995). Organização In: BOUDON, R.(org) Tratado de sociologia.
- Fundação Amazônia de Amparo a Estudo e Pesquisa do Pará. (2016). Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Região de Integração do Marajó. Belém: Autor. Recuperado de https://seplan.pa.gov.br/sites/default/files/PDF/ppa/ppa2016-2019/perfil_regiao_marajo.pdf
- Gazolla, M., Pelegrini, G., & Cadoná, L. (2010). A Produção de Novidades nas Agroindústrias Familiares. *5º Encontro da Economia Gaúcha*, 27.
- Grizendi, E. (2006). *Processos de inovação*.
- Holliday, O. J. (2006). Para sistematizar experiências. Brasília: MMA, 2, 1-128.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Geociências downloads. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Censo demográfico 2010: Características da população e dos domicílios resultados do universo. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). O recorte das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias de 2017. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado de https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). Produção da extração vegetal e da silvicultura. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9105-producao-da-extracao-vegetal-e-da-silvicultura.html?edicao=22621&t=resultados>

- Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. (2019). Experiência de Reacondicionamento no Semiárido Brasileiro. Bahia: Autor. Recuperado de <https://u.pcloud.link/publink/show?code=XZnh5KkZpwYkIToRWw5oLorGskf0hblal1Sy#returl=https%3A//u.pcloud.link/publink/show%3Fcode%3DXZnh5KkZpwYkIToRWw5oLorGskf0hblal1Sy&page=login>
- Laville, J. L. (2014). Mudança social e teoria da economia solidária. Uma perspectiva maussiana. *Sociologias*, 16, 60-73.
- LOPES, L. D. C. (2008). Várzea e varzeiros da Amazônia. 1. *Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi*.
- Medeiros, M., Capellesso, A. J., Cazella, A. A., & Cortes, G. (2017). O surgimento de novos códigos sociotécnicos na construção de projetos desviantes de desenvolvimento rural. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 25(2), 406-429.
- Miranda, K., Potiguar, M., Moraes, M., & Mendonça, R. (2017). Embarca Marajó: Estratégias locais de inovação, fortalecimento institucional e desenvolvimento sustentável. Belém: Instituto Internacional de Educação do Brasil.
- Moraes, C. A. (2012). Representações sociais da comunidade científica brasileira sobre tecnologia social (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia.
- Nascimento, A. A. C. D. (2019). Mudança e inovação camponesa: a economia da maniva (manihoc utilíssima crantz) na comunidade de Tracuateua da Ponta, Santo Antônio do Tauá-PA. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pará - UFPA, Belém, PA, Brasil.
- Oliveira, C., & Breda - Vazquez, I. (2012). Criatividade e inovação social: o que as políticas urbanas podem aprender com as experiências setoriais?. *Jornal Internacional de Pesquisa Urbana e Regional*, 36 (3), 522-538.
- Oliveira, R. C. D. (2000). O trabalho do antropólogo. *Brasília: Paralelo*, 15, 75-35.
- Olson, M. (1965). A Lógica da Ação Coletiva: bens públicos e teoria dos grupos trad. Maria Dulce Cláudio Guerreiro, *Margarida Lima de Faria. Oeiras: Celta*.
- Patias, T. Z., Gomes, C. M., Oliveira, J. M., Bobsin, D., & Liszbinski, B. B. (2017). Modelos de análise da inovação social: o que temos até agora? *Revista Brasileira de Gestão e Inovação (Brazilian Journal of Management & Innovation)*, 4(2), 125-147.
- Pontes, R. (2013). Assahy-yukicé, iassaí, oyasaí, quasey, açã, jussara, manaca, açai, acay-berry: rizoma. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Pará - UFPA, Belém, PA, Brasil.
- Robert, Y. I. N. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Sabourin, E., Hocdé, H., Tonneau, J. P., & Sidersky, P. (2006). *Production d'innovations en partenariat*. Une expérience dans l'Agreste de la Paraíba, Brésil.

Schmitz, H., Mota, D. M. D., & Sousa, G. M. (2017). Reciprocidade e ação coletiva entre agricultores familiares no Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 12, 201-220.

Schumpeter, JA, & Nichol, AJ (1934). Economia de Robinson da competição imperfeita. *Jornal de economia política*, 42 (2), 249-259.

Schumpeter, JA (1939). Ciclos de negócios (Vol. 1, pp. 161-174). Nova York: McGraw-Hill.

Schumpeter, JA (1942). Capitalismo, socialismo e democracia. New York .

Wiskerke, J. S. (2004). Seeds of transition: essays on novelty production, niches and regimes in agriculture. Uitgeverij Van Gorcum.

Dados dos autores:

Lucivando Barbosa de Moraes

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9652-8210>

Mestre em Agriculuras Amazônicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, Pará, Brasil. E-mail. lucivandobarbosa@gmail.com.

William Santos de Assis

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9525-7153>

Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) no Programa de Pós-Graduação em Agriculuras Amazônicas. Belém, Pará, Brasil. E-mail. williamassis@ufpa.br.

Tatiana Deane de Abreu Sá

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4286-0012>

Doutorado em Fisiologia Vegetal. Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental. Belém, Pará, Brasil. E-mail: tatiana.sa@embrapa.br.

Como citar este artigo:

Moraes, L. B., Assis, W. S., & Sá, T. D. A. (2021). Comunidade Ribeirinha Santo Ezequiel Moreno: inovações sociais em torno do açaí relacionadas à organização. *AOS - Amazônia, Organizações e Sustentabilidade*, 10(2). <http://dx.doi.org/10.17648/aos.v10i2.2420>